

# Intervenção Arqueológica em Sta. Maria da Vila no Castelo de Montemor-o-Novo

Maria Manuela dos Santos Pereira

Arqueóloga. Câmara Municipal de Montemor-o-Novo

O projecto “Intervenção Arqueológica em Santa Maria da Vila no Castelo de Montemor-o-Novo” integra-se no P.N.T.A. aprovado pelo IPA em 2003.

Este projecto faz parte de um plano integrado de recuperação e revitalização do Castelo, Centro Histórico e Rio – Programa do Castelo.

A área do Castelo de Montemor-o-Novo, com cerca de 9 hectares de extensão, foi o núcleo da vila de Montemor-o-Novo até aos séculos XVI-XVII, constituindo uma reserva arqueológica ímpar para o conhecimento do urbanismo medieval e moderno.

Tratando-se de uma grande extensão de terreno, praticamente virgem em termos de investigação arqueológica, houve necessidade de estabelecer limites à zona de intervenção no âmbito deste projecto.

Desconhecia-se a localização da Igreja de Santa Maria da

Vila, sede de paróquia e localizada na mais importante freguesia da vila intra-muros. Era aqui que, para além da igreja, se localizava a praça central com o seu pelourinho, os Paços do Concelho e cadeia, a judiaria e as principais ruas da vila. Apesar de não conhecermos os limites exactos para esta freguesia sabemos que se situaria na zona central do Castelo – uma zona em que não existem quaisquer construções ou arborização que pudessem danificar as eventuais estruturas existentes.

Deste modo, optou-se por iniciar as escavações arqueológicas pela área desta freguesia com o objectivo não só de colocar a descoberto a Igreja de Santa Maria da Vila como também perceber o urbanismo deste espaço.

As escavações tiveram lugar entre 2003 e 2006. Foram escavados mais de 500 metros quadrados colocando-se a descoberto ruas, silos, habitações, uma adega, pátios, poços,

canalizações, entre outros vestígios.

Ao longo dos anos tem sido exumada uma grande quantidade de material arqueológico com evidente destaque para as cerâmicas e faianças. É de realçar a descoberta, pela primeira vez, de materiais pertencentes ao período islâmico que, apesar de descontextualizados, vieram comprovar a existência, no local, de uma povoação desse período.

## As Ruas

Foram identificadas até ao momento duas ruas (Foto 1), uma delas – a Rua A – em perfeito estado de conservação, possuindo ainda a regueira central. Pela sua localização e dimensões deveria ter constituído uma das principais vias do burgo antigo, ligando à Rua da Cadeia. Esta última, por sua vez, unia a principal porta de entrada do perímetro muralhado ao Paço dos Alcaides, passando ainda pela praça central.

A Rua B, que inicialmente poderia ter ligação à Rua A, foi parcialmente destruída pela construção de uma fossa e de estruturas, em princípio, habitacionais.

A descoberta em 2006 de um nível de grande quantidade de materiais cerâmicos fragmentados sobre a rua veio, de alguma forma, confirmar o seu abandono durante o século XVIII.



Foto 1 – Rua A, compartimentos habitacionais e, ao fundo, a Rua B

## A Adega

Na campanha de 2005 foram identificados compartimentos/lagaretas em muito bom estado de conservação com grande quantidade de talhas associadas. Num desses compartimentos identificámos duas talhas inteiras (Foto 4), junto a um dos muros, suportadas por pedras que rodeavam a sua base. Uma vez que este compartimento tinha ligação a um outro que identificámos como pertencente a uma área de cozinha, pensámos que esta seria uma área de armazenamento de víveres.

A continuação da escavação desta zona em 2006 veio revelar, para além de grande quantidade de talhas fragmentadas, três pequenos compartimentos com piso em tijoleira em excelente estado de conservação. Identificámos o primeiro como um compartimento para depósito da uva e o segundo como um compartimento para pisar a uva que, por sua vez, teria ligação, através de uma bica ao terceiro compartimento, mais baixo.

No primeiro e terceiro (Foto 3) compartimentos existem, embutidos no pavimento de tijoleira, dois recipientes cerâmicos. A avaliar pela inclinação do pavimento, estes recipientes poderiam servir para armazenamento dos resíduos.

O acesso a estes três compartimentos é feito através de um pátio com pavimento em pedra de calçada (Foto 2). Este pátio possui passagem para um segundo pátio onde se localiza uma cisterna de médias dimensões para armazenamento de águas pluviais.

Os materiais arqueológicos daqui retirados apontam para uma última utilização do espaço durante o século XVII.

De facto, nos séculos XVI e XVII, aparecem algumas referências históricas para a existência de adegas no interior do espaço muralhado. Em 1612, Pêro de Sá possuía, na Rua da Valada, uma habitação com *“duas câmaras por sjima E sam por baixo quatro cazas e hum corredor nas quais tem hua adega com llousa”*<sup>1</sup>.

Desconhecemos actualmente a localização exacta da Rua da Valada, no entanto sabemos que se situaria nesta zona do Castelo o que, logicamente, não implica que os vestígios aqui identificados correspondam à casa de Pêro de Sá.



Foto 2 – Vista geral da adega

1 - Fonseca, Jorge (1993) – “A vila intra-muros de Montemor-o-Novo. Contributo para o seu estudo”, in Almansor, N.º 11, Montemor-o-Novo;





Foto 3 - Pormenor de uma das lagaretas/3º compartimento



Foto 4 - Talhas in situ numa das divisões da adega

## Os silos – materiais islâmicos

A área dos silos localiza-se na zona mais elevada do Castelo de Montemor-o-Novo, onde a rocha aparece praticamente à superfície.

Trata-se de uma rocha quartzítica, degradada, o que facilitaria a sua escavação. Quatro destes silos são de forma oval, escavados directamente na rocha sem qualquer tipo de impermeabilização visível. O quinto silo é igualmente escavado na rocha mas possui paredes em alvenaria de pedra e argamassa bem aparelhada, com seis pedras sobressaídas que poderiam servir de degraus de apoio.

Nesta área não foram identificadas quaisquer outras estruturas, o que nos leva a pensar que se trata de uma zona exclusivamente para armazenamento público de cereais.

Na campanha de 2003 foram aqui identificados os primeiros materiais islâmicos no Castelo de Montemor-o-Novo – Torre de Roca (foto 6) e fragmento de talha com decoração estampilhada (Foto 5). No silo I, onde foi identificado o fragmento de talha, foram recolhidas moedas dos reinados de Afonso Henriques e Sancho I.



Foto 5 - Fragmento de talha com decoração estampilhada



Foto 6 - Torre de Roca

## Os pátios

Sabemos, por documentação histórica, que grande parte das habitações da vila intra-muros, mesmo as mais pequenas, possuía pequenos pátios ou quintais, onde normalmente existiam algumas árvores de fruto, uma pequena horta e um poço ou cisterna.

Foram identificados até ao momento três pátios, todos eles de pequenas dimensões e com pavimentos que, neste caso, inviabilizariam quer a plantação de árvores de fruto quer a existência de uma pequena horta.

À excepção do pátio da adega, todos os outros estão relacionados com estruturas de armazenamento de água – um pátio com um poço (Foto 7) e outro com cisterna. Pensamos que o poço anteriormente referido possa ser dividido por duas habitações devido à existência de um muro que corta a sua boca.





Foto 7 – Pátio do poço

### Sistema hidráulico

Sabemos que durante as fases de ocupação do Castelo as populações se debatiam com problemas sérios de falta de água, sendo este o motivo muitas vezes apontado para a transferência da população do interior das muralhas para o arrabalde.

A documentação fala-nos de quatro grandes cisternas de abastecimento público no interior do recinto muralhado, conhecendo-se actualmente a localização de duas delas. Sabemos igualmente que grande parte das casas de habitação possuía cisternas ou poços no interior das habitações.

As escavações arqueológicas realizadas até ao momento permitiram-nos confirmar a existência destas estruturas, tendo sido identificados, até ao momento, dois silos cisternas, dois possíveis poços e uma cisterna de armazenamento de água de média capacidade.

À excepção do silo-cisterna localizado no topo do Castelo, todas as restantes estruturas estão associadas a canalizações e sistemas de recolha e armazenamento de água.

No pátio da cisterna (Foto 8), por exemplo, foram identificadas duas canalizações verticais, embutidas nas paredes que confluem para o interior da cisterna (Foto 9). No pátio do poço foi identificada uma canalização exterior, paralela à parede de uma habitação, e que finaliza no poço (Foto 10). Esta canalização, pelas suas dimensões, poderia receber as águas dos beirais.

Verifica-se agora que quase todas as casas encontradas possuíam estruturas de armazenamento de águas através de canalizações embutidas nas paredes ou exteriores.

Não temos ainda certezas, porque a sua escavação não foi ainda finalizada, se as duas estruturas a que chamamos poços se tratam realmente de poços de nascente ou de estruturas de armazenamento de água com a forma de poços.

O silo/cisterna, uma vez que se localiza numa zona exclusiva de silos, poderia ter como funções o armazenamento de cereais e não de água embora as suas paredes possuam grande capacidade de impermeabilização.



Foto 8 – Pátio e boca da cisterna



Foto 9 – Tecto da cisterna e canalização associada



Foto 10 – Poço e canalização associada



## A possível Igreja

Na campanha de 2006 foi identificada uma estrutura de grandes dimensões (Foto 11) que pensamos, poder tratar-se de uma das paredes da desaparecida Igreja de Santa Maria da Vila. Trata-se de estruturas com mais de um metro de espessura junto a uma das principais ruas identificadas – a Rua A.

A construção deste edifício, de que ainda só se conhece uma ínfima parte, implicou grandes desaterros, tendo em conta a cota do nível da rocha no exterior dos muros.

Só a construção de um edifício público comportaria a realização deste tipo de trabalhos. Uma vez que no pavimento associado a este muro não foram identificadas quaisquer sepulturas, temos ainda algumas dúvidas quanto à funcionalidade deste edifício embora os muros agora identificados possam corresponder a outro compartimento da Igreja que não as naves.



Foto 11 – Muros e pavimento da possível igreja

## Estrutura de ossos

Esta estrutura foi identificada no centro de um dos compartimentos escavados em 2005, junto à Rua A. É uma estrutura com dois semicírculos (Foto 12) construída com ossos longos de animais, colocados na vertical, no pavimento deste compartimento em argila.

Não encontramos, na bibliografia consultada, qualquer paralelo para esta estrutura e desconhecemos a sua funcionali-

dade e objectivo.

Colocamos no entanto a hipótese de se tratar de um possível ritual de fundação embora, tendo em conta que estamos perante estruturas de época medieval e os condicionalismos religiosos característicos desta época, devamos considerar que esta é uma hipótese arriscada.



Foto 12 – Estrutura de ossos

## Cultura material

O material arqueológico daqui exumado é, como em praticamente todos os sítios desta época, muitíssimo abundante (Fotos 13 e 14). Predomina obviamente a cerâmica comum e os utensílios de cozinha, seguidos da faiança. A faiança está presente em praticamente todos os contextos arqueológicos, sendo um claro indicador de que a última ocupação deste local se dá a partir dos séculos XVI/XVII.

Foram identificados materiais islâmicos em contexto de enchimento de silos e de entulhos, pelo que a sua presença não é indicativa, para já, de uma ocupação islâmica, pelo menos nesta zona do Castelo de Montemor-o-Novo.

Estão presentes alguns materiais de excelente qualidade, alguns deles claramente importados, que atestam que estamos perante uma das zonas mais nobres da vila.



Foto 13 – Alguns materiais metálicos



Foto 14 – Alguns materiais cerâmicos

## Cronologia

Embora tenham sido descobertos materiais arqueológicos atribuídos ao período islâmico, não foram ainda identificadas quaisquer estruturas arqueológicas que possamos atribuir a este período. Os materiais arqueológicos encontrados em níveis arqueológicos seguros parecem apontar para uma ocupação desta zona entre os séculos XV e XVII.

Os muros aqui encontrados situam-se cronologicamente no século XVI, tendo-se depois verificado uma continuidade de utilização dessas estruturas nos séculos posteriores. Este facto é comprovado sobretudo através das portas com características tipicamente quinhentistas. Não colocamos de parte a hipótese de no século XVII ainda se verificarem algumas obras. É o caso da boca de um dos poços que apresenta uma porcelana do século XVII incrustada na argamassa.

